



**TEATRO
DA GARAGEM**

DOSSIER DE IMPRENSA

66ª CRIAÇÃO

Encenação de Carlos J. Pessoa



A partir do texto de William Shakespeare

10 a 27 de Maio de 2012 | Teatro Taborda

www.teatrodagaragem.com

Sobre *Hamlet*

Hamlet, tragédia amplificada em registo irónico-sério, representa um Mundo dual: desordem que reivindica ordem, e vice versa, cultura popular (o Carnaval, no jogo verbal, que inverte a ordem do Mundo) e cultura erudita (a palavra jurídica que institucionaliza o Mundo), em reverberações múltiplas, curto-circuitos, descontinuidades. Há classes sociais, que mutuamente se desafiam, ricos e pobres (e afinal quem são os “ricos” e quem são os “pobres”? É mais sábio o coveiro ou o erudito?), que se seduzem, que se digladiam, que se ofendem, que se amam.

Há acção e pensamento. Vingar, ou não vingar, acreditar, ou não acreditar, ficar mergulhado nessa permanência de si em conflito, porque, no fundo é possível provar uma coisa e o seu contrário (tal é a falácia do pensamento...) ou agir, caindo, num abysmo (porque é o “Y que mantém a boca aberta do abysmo” como disse Pascoais) que levará onde? Céu, Inferno, Nada?

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

| | |
|---|---|
| Encenação, concepção plástica e dramaturgia | Carlos J. Pessoa |
| Apoio à tradução e dramaturgia | José Henrique Neto |
| Interpretação | Ana Palma [Soldado e Laerthes] André Almas [... e Fortimbrás], Emanuel Arada [Hamlet], Joana Liberal [Ofélia], José Henrique Neto [Polónia, 1º coveiro e embaixador], Maria João Vicente [Gertrudes], Miguel Mendes [Cláudio], Nuno Nolasco [Horácio] e Nuno Pinheiro [...Associados, Coveiro e ...] |
| Cenografia, figurinos e design gráfico | Sérgio Loureiro |
| Música, desenho e operação de som | Daniel Cervantes |
| Vídeos | Carlos J. Pessoa, Sérgio Loureiro e Teresa Azevedo Gomes |
| Desenho e operação de luz | Catarina Mendes |
| Operação de vídeo | Mariana Guarda, Nuno Nolasco, Nuno Pinheiro e Sérgio Loureiro |
| Montagem | Catarina Mendes, Sérgio Loureiro e Nuno Nolasco |
| Direcção de Produção | Maria João Vicente |
| Produção, comunicação e divulgação | João Belo |
| Assistência de produção, comunicação e divulgação | Catarina Mendes |
| Fotografia | Marisa Cardoso e Teresa Azevedo Gomes |



| | |
|-----------------------|---|
| Apoios | Câmara Municipal de Lisboa, EGEAC, E. M., Clube Nacional de Natação (CNN) |
| Financiamentos | Companhia financiada pela Presidência do Conselho de Ministros – Secretaria de Estado da Cultura / Direcção-Geral das Artes |



Nome do artigo: Hamlet

Fonte: Actual - Expresso

Data: 5 Maio 2012

Autor: João Carneiro

A um momento da conversa, Carlos Pessoa, encenador deste espetáculo, diz que “Hamlet serve-se do teatro como laboratório”. Hamlet, príncipe da Dinamarca, vê um espectro, o espírito do pai, o defunto rei. Fala com ele e o espectro diz ao filho que foi assassinado por Cláudio, o presente rei, com a cumplicidade da mãe de Hamlet, que entretanto casou com Cláudio. Este início desencadeia uma tragédia de vingança que é, ainda, uma complexa construção sobre o poder, a verdade, a ação e, finalmente, sobre o conhecimento. "Hamlet" serve-se de um grupo de atores que representam uma história de crime, para observar as reações do atual rei e de sua mãe, contrastá-las com as afirmações do espectro, e assim tentar perceber a verdade das coisas. Pessoa fala de teatro como laboratório numa referência direta a este passo, mas fala de teatro também como uma “tábua de salvação para as dificuldades de hoje e da vida em geral. Questões como a consciência, a perplexidade, a audácia, a indecisão, a capacidade de operação, ou de ação, são postas a nu pelo teatro, e por esta peça, em particular”. Numa era dominada pelo virtual e pelo digital, o espectro é uma realidade, um elemento profundamente humano; é um elemento que aciona uma série de gatilhos, que desencadeia tumultos que levam as personagens a tentar conhecer melhor coisas que são complexas, situações humanas que, se não são controladas, podem tornar-se patológicas. Tem interpretação de Ana Palma, André Almas, Emanuel Arada e Maria João Vicente, entre outros.

João Carneiro

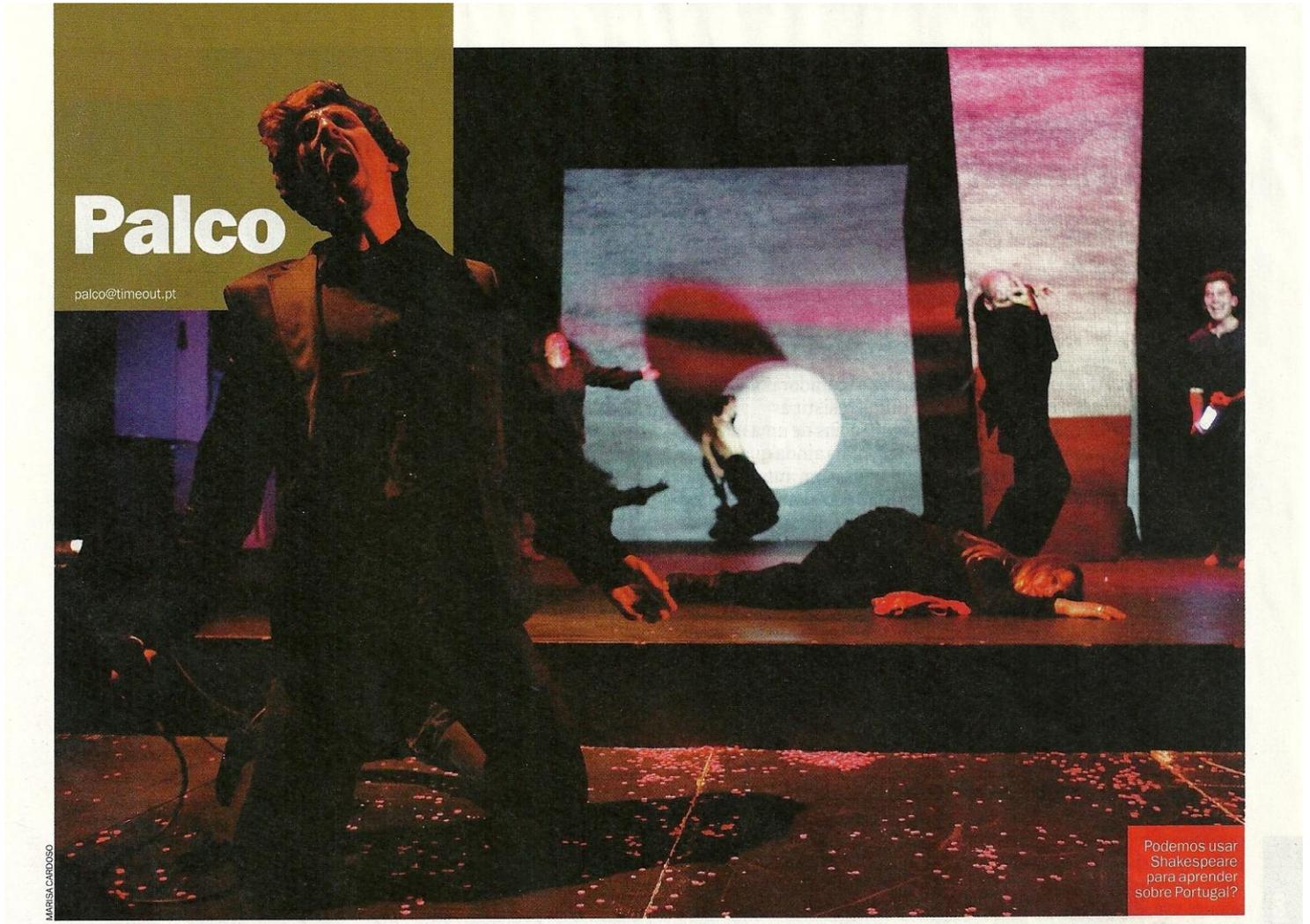


Nome do artigo: Algo está podre neste reino

Fonte: Time Out - Lisboa

Data: 9 Maio 2012

Autor: Catarina Homem Marques





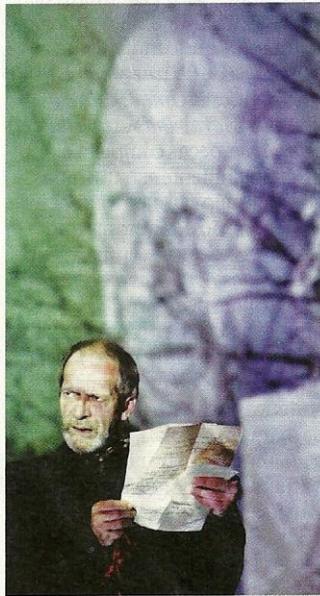
TEATRO
DA GARAGEM

Algo está podre neste reino

Ser ou não ser? É a questão que Hamlet colocou, que já toda a gente ouviu e algumas pessoas até se atreveram a replicar. Mas acontece que essa continua a ser a questão, ou pelo menos assim garante o Teatro da Garagem que apresenta o grande clássico de Shakespeare no Teatro Taborda a partir de quinta-feira.

“Este texto é uma espinha dorsal da cultura ocidental e por isso justificava-se levar a cena no momento em que o ocidente está a atravessar uma crise de identidade e de orientação que se reflecte no quotidiano de todos nós”, explica o encenador Carlos J. Pessoa. E sim, para não restarem dúvidas, isto significa que até se pode remeter da história deste príncipe da Dinamarca para uma reflexão sobre o caso Pingo Doce. “Podemos aproveitar para aprender com o passado, com Shakespeare, vamos cair em nós. Afinal o que sou, o que me está a acontecer? Todos os dias cartas das finanças, as pessoas a invadirem o Pingo Doce.”

Ou seja, se não bastasse a Hamlet carregar a sua tragédia clássica, vamos pedir-lhe que carregue a nossa. Catarina Homem Marques foi ver se afinal é para ser ou não.



Porque em *Hamlet* existe também uma crise política terrível, uma angústia de identidade, uma falência no poder vigente. “Uma crise que se vive na Dinamarca, na sua relação geográfica com a Escandinávia. Uma relação em que os porcos são os escandinavos. É só alterar o ponto cardinal. Hoje em dia os porcos são os do sul, somos nós.” E este *Hamlet* até cumpre o texto clássico, mesmo quando no meio de muitas mortes nos sentimos conduzidos por Horácio numa espécie de concerto rock. “E fizemos isto com recursos de comunicação que agora para nós são fundamentais, que são os recursos digitais. Sinto com isso um prazer de imersão na imagem e no som, com tudo aquilo a envolver-nos.” Como quando

Hamlet faz os seus monólogos partido em três, entre ele no palco e as suas projecções no cenário.

Ele, Hamlet, a quem já não bastava carregar a sua tragédia clássica e se vê agora com o encargo de carregar também a nossa. “Quando ele diz o ser ou não ser, isso é ele a perguntar-se se deve partir tudo, ir para a acção, ou manter-se quieto e alheado. Ele sofre da perda de filiação que também aconteceu a nós. Somos um país? Somos governados por quem? Ser ou não ser, avançamos ou deixamo-nos estar.” O teatro como um espelho da realidade, em que o trono da Dinamarca ocupado pelos noruegueses pode ser a EDP ocupada por chineses e onde *Hamlet* continua a ser mais importante do que qualquer troika ou austeridade.

Hamlet

A peça estreia-se quinta, às 21.30, no Teatro Taborda, e está em cena até dia 27 de Maio. Qua-Dom às 21.30. Bilhetes a 5€ e 10€.

9 - 15 Maio 2012 **Time Out Lisboa 55**



Nome do artigo: Agenda
Fonte: Time Out - Lisboa
Data: 9 Maio 2012
Autor:

Teatro Taborda

21 885 4190. Costa do Castelo 75. BUS
12E, 28E, 737. Ter-Dom 14-00.00.

NOVO Hamlet *A partir de William Shakespeare, encenação de Carlos J. Pessoa, com Ana Palma, André Almas, Emanuel Arada, Joana Liberal, José Neto, Maria João Vicente, Miguel Mendes, Nuno Nolasco e Nuno Pinheiro. Qua-Dom 21.30; 5€ e 10€. 10 Mai ▶ 27 Mai. Ver destaque na página 63.*



**TEATRO
DA GARAGEM**

Nome do artigo: Da nossa urgência

Fonte: Se7e - Visão

Data: 10 Maio 2012

Autor: Gabriela Lourenço



MARISA CARDOZO

DA NOSSA URGÊNCIA

O Teatro da Garagem espelha o mundo de hoje, através de «Hamlet»

«Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia», diz Hamlet, príncipe da Dinamarca, numa das mais conhecidas e mais representadas peças de Shakespeare. Desta vez, o palco é o do Teatro Taborda, onde Carlos J. Pessoa e o seu Teatro da Garagem levam à cena «Hamlet», seguindo uma urgência que é deles, mas, acreditam, será também dos espectadores. «O teatro deve ser um espelho do mundo. Esta é uma peça sobre fantasmas e vivemos uma época de surgimento de muitos fantasmas», diz o encenador. Uma história de tumultos interiores, mas também das convulsões de um país, de uma Dinamarca em crise de identidade que hoje se poderia chamar Europa. «Há mais

coisas no céu e na terra do que sonham economistas, políticos, publicistas, cientistas...», provoca Carlos J. Pessoa. «Uma das lições de 'Hamlet' é haver uma raiva surda que se vai acumulando e transformando em força», sublinha. Quatro séculos depois, continua a fazer sentido, pois, levar «Hamlet» a palco. «Ouvimos falar de vingança todos os dias. O texto é tão contemporâneo... as coisas estão lá todas, à flor da pele», nota. Há algo de podre no reino da Europa, sim...

▶ HAMLET

A partir de William Shakespeare.
Enc: Carlos J. Pessoa. Teatro Taborda, Costa do Castelo, 75, Lisboa T. 21 885 4190/96 801 5251.
10 – 27 Mai, Qua-Dom 21h30.
€5 a €10



TEATRO
DA GARAGEM

Nome do artigo: Hamlet versus Vânia

Fonte: Sábado

Data: 10 Maio 2012

Autor: Rita Bertrand

Teatro & dança

Um chega ao Teatro Taborda, o outro ao Trindade. E nós imaginámos uma conversa entre os dois. São demasiado clássicos para si? Em Guimarães, cidadãos dos 8 aos 80 anos dançam "City Maquette"

Hamlet versus Vânia

(E se o príncipe de Shakespeare encontrasse o tio de Tchekhov?)

Rita Bertrand:

Hamlet – Quem és tu, Vânia, que desde o século XIX ameaças o lugar de herói atormentado que eu ocupava desde 1601 no teatro clássico? Vânia – Sou um russo sem fé no futuro, perdido numa aldeia que não reconheço. Todos me conhecem por Tio Vânia. **Ui, todos te conhecem? Isso é que é ser vaidoso...**

Realista, amigo! Tão realista como o autor que me criou, pioneiro no teatro da vida quotidiana, das pessoas simples.

Ora, não compares. Achas que alguém sabe citar a peça em que tu entras, palhaço!?

Calma, rapaz, seres príncipe da Dinamarca não te dá o direito de achincalhares a concorrência. Mas quanto a citações, tens razão: o monólogo da caveira é mais conhecido do que eu. E aquela parvoíce do "ser ou não ser, eis a questão"...

Parvoíce? A frase resume todas as dúvidas humanas: em que acreditar, o que defender, como agir, aceitar ou vingar, ficar ou partir...

Deves gostar de complicar, tu. **Eu, não! Quando muito, o meu inventor, William Shakespeare!**

Está bem, pronto. Mas não eram precisos quatro actos para contar a tua história.

E a tua? Até parece que vens de uma peça breve...

Bom, eu também venho em quatro actos, mas duram menos uma hora, pelo menos. E muito bem passadas, nesta produção da Escola de Mulheres.

Haha, isso não é uma companhia de feministas? Que machão, pá!

Não gozes, miúdo, só tens 18 anos, ainda podes levar uns sopapos aqui do tio velhote!

Bate lá, bate! Olha que eu chamo o meu amigo, o romano Horácio! Até podes chamar o papa! Vou explicar-te porque é que a Isabel Medina quis encenar a peça.

Conta! Na minha aldeia há dois tipos de mulheres: as que só querem arranjar marido e as que lutam pela sua individualidade. O mundo ainda hoje é assim!

Tem graça! O Carlos J. Pessoa, que me encena no Taborda, também diz que a peça continua actual e que a minha querida Ofélia está carregadinha de pulsões sexuais. Ah sim? Gostava de ver isso...

Então anda! ¶

Hamlet ¶ Teatro Taborda, Lisboa ¶ 218 854 190 ¶ De 10/05 a 27/05 ¶ 4ª a dom. às 21h30 ¶ €5 a €10 ¶ **Vânia** ¶ Teatro da Trindade, Lisboa ¶ 213 420 000 ¶ De 10/05 a 10/06 ¶ 4ª a sáb. às 22h, dom. às 17h ¶ €8,50 a €15



Emanuel Arada faz de Hamlet



João Lagarto faz de Tio Vânia

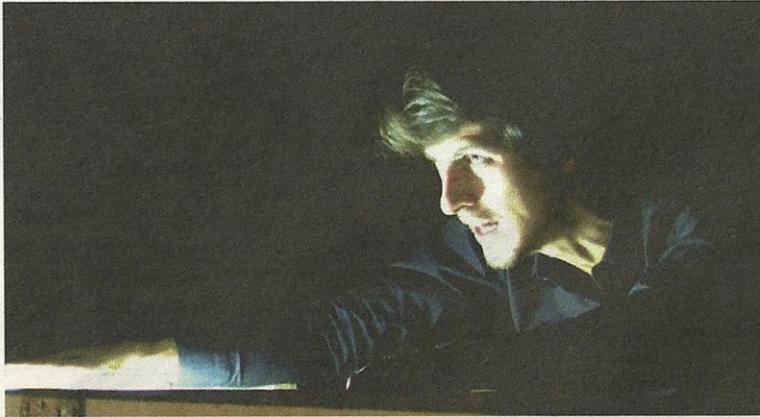
TEATRODAGARAGEM | TEATRO TABORDA
Costa do Castelo, 75 1100-178 Lisboa
Tel. 21 885 41 90 | 96 801 52 51
www.teatrodagaragem.com

Nome do artigo: O tumulto interior de Hamlet é o tumulto do cidadão comum hoje

Fonte: Ípsilon - Público

Data: 11 Maio 2012

Autor: Ana Dias Cordeiro



Nesta saga de um príncipe destroçado pela sua verdade trágica, há algo de visionário, que pode transportar-nos para o presente.

**O tumulto
interior
de Hamlet
é o tumulto
do cidadão
comum
hoje**

**Ana Dias
Cordeiro**



**TEATRO
DA GARAGEM**

O teatro surge como uma urgência e os objectos em palco como uma visão. Neste caso, há apenas um - mas grande - objecto que o encenador Carlos J. Pessoa imaginou. E uma urgência que se explica pelos fantasmas que o texto, com cinco séculos de história, desperta hoje.

Aconteceu num primeiro ensaio com os actores sentados a uma mesa. “Olhei para eles e vi o objecto. No teatro, temos visões, vemos coisas.” E o que imaginou foi essa forma, em madeira, que podia ser muitas coisas (e que agora dá a ver ao espectador): uma tumba ou um caixão, mas também uma baleia ou as ameias de um castelo, as janelas por onde alguém espreita, o espaldar da cadeira do futuro rei ou o buraco para onde são atirados os mortos, em *Hamlet*, de William Shakespeare (1564-1616). “É essa a prodigalidade do teatro. Está lá tudo. É só usar a imaginação para vermos o que queremos”, diz o encenador Carlos J. Pessoa e fundador do Teatro da Garagem.

O resto são figuras vestidas de negro - reais e imaginárias - no palco do Teatro Taborda (casa da companhia Teatro da Garagem) a dois passos do Castelo, em Lisboa. Corpos e espectros, vozes e sombras, na 66ª criação do Teatro da Garagem, desde ontem e até 27 de Maio, desta

tragédia que começa com o fantasma do Rei da Dinamarca morto, a falar ao filho, Hamlet, com uma verdade - ter sido assassinado pelo tio, Cláudio, agora Rei e marido da mãe de Hamlet.

Verdade ou loucura? Hamlet precisa de ter a certeza da primeira e aparentar a segunda para poder vingar a morte do pai, como este lhe pediu. Serve-se de uma peça de actores que representam para o reino, pedindo-lhes que encenem a morte do Rei, seu pai, como este lha contou, para desmascarar o tio, Cláudio.

É o teatro dentro do teatro a revelar a suprema verdade e a culpa. “É o teatro como espelho do mundo”, diz Carlos J. Pessoa.

Miséria e grandeza

O texto aqui trabalhado por actores e encenadores é o original, mas limpo dos “apartes” e “redundâncias” introduzidos no teatro isabelino, quando se repetia ao público o que tinha acontecido no capítulo anterior, porque as pessoas entravam e saíam do Globe Theatre da Londres do lado de lá do Tamisa, no século XVI.

O texto foi, nesta versão, reduzido para fazer de um espectáculo de quatro horas, na origem, uma peça de duas e meia e manter o essencial da dramaturgia, diz o encenador. Ficou a questão política, da intriga,



**TEATRO
DA GARAGEM**

as diferentes personagens. “Quando se faz um espectáculo, subtrai-se à literatura dramática para acrescentar teatro - e teatro é luz, música, movimento.”

E se o texto se mantém ancorado no tempo em que viveu o autor, a peça interpreta-o à luz da época do encenador, fascinado por esta obra que “entende a humanidade” com a sua crueldade, compaixão e grandeza.

Em Shakespeare, “a grandeza da humanidade aparece no espelhar cru de uma grandeza e ao mesmo tempo de uma miséria”, continua Pessoa. “Ele não perdoa a ninguém. É muito cruel nesse sentido, entende a humanidade com essa grandeza. A crueldade é necessária, no sentido de crueza, não no sentido de maldade.”

Miséria no reverso de grandeza humana. Crueldade no reverso da compaixão. “Nas peças de Shakespeare, perpassa uma crueldade que é ao mesmo tempo um sentido de compaixão, a compaixão humana. Nenhuma destas personagens [em Hamlet] é maltratada por Shakespeare. Todas elas têm um espaço para se mostrarem dignas da nossa compaixão. E nisto é uma peça extraordinária”, conclui o encenador.

Nesta saga de um príncipe destruído pela sua verdade trágica, há algo de visionário, que pode transportar-nos para o tempo presente.

“O tumulto interior do Hamlet é muito o tumulto do cidadão comum hoje. Eu senti necessidade de pensar nisto”, nota. E por isso a fez agora pela, primeira vez, sendo também a primeira vez que encena Shakespeare com o Teatro da Garagem.

“Esta peça é uma peça espectral, sobre fantasmas. E isto para mim justifica-se hoje. Há uma série de fantasmas que nos perturbam, que voltam a aparecer. Se algo está podre no Reino da Dinamarca [como diz o soldado], eu acredito que algo está podre no reino europeu.”

O momento em que o fantasma do rei, pai de Hamlet, aparece a dizer-lhe “vinga a minha morte”, evoca a Carlos J. Pessoa outras vozes: a de um cidadão grego, hoje, a jurar vingança à Alemanha pela austeridade imposta. “Hamlet é uma peça que traz à superfície os fantasmas da Velha Europa.”

Como um duplo em cena

Esses fantasmas (os de Hamlet), que cada personagem carrega, entram pelo palco adentro na forma de um grande ecrã em fundo, como um duplo do actor em cena.

O digital juntou-se ao contexto actual para justificar - ainda mais - na cabeça do encenador este espectáculo agora. “A revolução digital, que estamos a viver, justifica que façamos o Hamlet, peça em que a

questão dos espectros está presente. O que é o digital se não a emulação dos espectros, o trazer para o teatro a possibilidade dos fantasmas?”. E salienta: “Há toda uma dimensão que a revolução digital permite: é possível criar mistério, uma dimensão mágica, uma mística que a peça tem.”

A mística na própria postura e discurso de Hamlet quando diz: “Há mais coisas, Horácio, em Céus e Terra/Do que sonha a nossa filosofia.”

Hamlet (Emanuel Arada) surge na sua dimensão real e, ao mesmo tempo, virtual, no grande ecrã. Como também, por momentos, Horácio e amigo de Hamlet (Nuno Nolasco, na foto) Ofélia (Joana Liberal), Cláudio, Rei da Dinamarca (Miguel Mendes), Gertrudes, Rainha e mãe de Hamlet (Maria João Vicente), o conselheiro do Rei, Polónio, o espectro e o coveiro (todos interpretados por José Neto), Laertes e o Soldado (ambos na pele de uma actriz, Ana Palma).

Nas trevas que arrasta para o abismo um reino inteiro, o da Dinamarca, perante as aspirações do príncipe da Noruega, Fortimbras, a tragédia de Hamlet, o homem, é cumprir o seu destino, fazer uma escolha: ser ou não ser, agir ou não agir, vingar ou não a morte do pai. É o próprio que diz: “Eu tenho de ser cruel para ser decente...Assim começa o mal, e tenho o pior pela frente...”

Nome do artigo: Crítica

Fonte: Time Out

Data: 23 Maio 2012

Autor: Rui Monteiro

ESPECTÁCULO DA SEMANA



Teatro Taborda
Teatro. Qua-Dom

Vingança, primeiro. Depois raiva, traição, moral, corrupção, incesto, conspiração, assassinato, pois *Hamlet* é como um manual, um guia de más práticas familiares, um compêndio de oportunismo político, um rol de deficiências humanas. (E isto ainda antes da psicanálise tomar conta do assunto.) Certo, garantido, é ser uma tragédia, hoje, por exemplo, revista de maneira mais irónica do que seria pelo Teatro da Garagem como exemplo de desconcerto do mundo.

Como se sabe, ainda nem o pano subiu e já Gertrudes (Maria João Vicente), a viúva do rei, casou com o assassino, que correu a sentar-se no trono. Por esta altura, o príncipe Hamlet (Emanuel Arada) ainda não começou a ter visões nem sonha que o tio, entretanto feito padrasto, foi o matador. Qualquer coisa porém está a fazer-lhe o ninho atrás da orelha e quando a verdade vem à tona é um ver se te avias. Resultado, em menos de duas horas, nesta versão encenada por Carlos J. Pessoa, a coisa fica tão mal no reino da Dinamarca que, entre justos e pecadores, vai tudo a eito, a corte de Elsinore é dizimada com requinte e

Hamlet



Entre justos
e pecadores,
aqui vai tudo
a eito

MARIA CARLOS



**TEATRO
DA GARAGEM**

malvadez, de muitas e variadas maneiras, nenhuma delas agradável nem natural, com Polónio (José Henrique Neto) marchando na frente de uma coluna a que, no caminho do Além, vão juntar-se Ofélia (Joana Liberal), passada por excesso de amor, Rosenkrantz & Guildenstern (Nuno Pinheiro), aqui “Associados”, como uma firma de advogados, Laerthes (Ana Palma), o irmão vingativo de Ofélia, e ainda a rainha, Cláudio (Miguel Mendes), o usurpador, e, claro, Hamlet, com direito a declaração final por ser o vencedor moral da história.

William Shakespeare (1564-1616) envolveu esta mortandade em poética mortalha de intriga e dissimulação, que transporta as personagens entre a crueza da verdade e a tragédia da morte até à dissidência moral. Pessoa vê no original – e com certeza tocado também pelo seu eco transtemporal –

“reverberações múltiplas, curto-circuitos, descontinuidades” que amplifica e radicaliza no corpo dos actores e através do multi-semiótico cenário de Sérgio Loureiro, criando um espectáculo rico e desafiante, dissecando o conflito como quem procura uma resposta e depara com novas interrogações, ou seja, a necessidade de outras respostas. *Rui Monteiro*